



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de recepção da delegação brasileira que participou das Olimpíadas de Atenas**

**Palácio do Planalto, 09 de setembro de 2004**

Meu caro Grael,  
Meu querido René Simões,  
Meu querido Nuzman,  
Agnelo,  
Marisa,  
Meus companheiros ministros,  
Meu caro Marcos Vinícius, chefe da Missão Brasileira em Atenas,  
Meu caro deputado Ivan Ranzolin,  
Meus queridos atletas brasileiros,

Eu queria começar, René, por você, porque me parece que é o “vovô” da turma, e pelo trabalho excepcional que foi feito no futebol feminino. Eu penso que poucos brasileiros imaginavam que nós fôssemos chegar onde chegamos. Porque esporte tem isso, não é? Tem hora que você dá como certo que alguém vai ganhar uma medalha... no futebol masculino é muito difícil dizer para alguém que o Brasil não tem uma medalha de ouro nas Olimpíadas, é muito difícil.

Se você imaginar a quantidade de jogadores, da mais refinada qualidade, que já compuseram a Seleção Olímpica masculina, e nós não ganhamos... houve uma mais recente, que teve até o Bebeto e o Romário e não ganhamos.

E é verdade, pouco se falava das possibilidades das nossas meninas chegarem onde chegaram. Vamos ser francos: se não fosse aquela trave, a



bola poderia ter batido do lado de dentro e ter entrado, ou se não fosse o juiz, quem sabe nós tivéssemos a medalha de ouro. Portanto, meus parabéns a você, René, e às nossas meninas.

Eu ainda acho um fato heróico, num país machista como o nosso, as mulheres jogarem futebol. Acho uma coisa fantástica. E, ainda, trazerem medalha.

Mas eu queria reiterar, aqui, uma coisa que eu disse para vocês, e hoje completa exatamente dois meses que falei na despedida. Primeiro, não tenham dúvida de que vocês são motivo de orgulho para o nosso país. Só o fato de alguém conseguir vencer todas as barreiras e chegar a ser um atleta olímpico já não é pouca coisa, vamos ser francos.

Muitos de vocês começaram a competir em algum esporte, às vezes simplesmente por competir e, de repente, já estavam em Atenas, com a camisa brasileira, dizendo: "Puxa vida, eu estou entre os melhores do mundo".

E o fato de o Brasil chegar onde chegou se deve um pouco ao aprimoramento do profissionalismo da nossa Direção, dos nossos dirigentes, das nossas federações e confederações e, também, à dedicação muito pessoal de vocês.

Eu sei do esforço que vocês fizeram para chegar onde chegaram. Quando vi, meu caro Carlos, você chorar porque não conseguiu a vitória que queria, eu acho que aquelas lágrimas de sinceridade valiam por algumas medalhas de ouro que você pudesse trazer no pescoço. A sinceridade com que você falou, não apenas aos teus familiares, mas ao povo brasileiro, eu acho que vale, como sentimento, tanto quanto uma medalha que você pudesse ter ganho. O que importa, na verdade, é que vocês são todos muito jovens e ainda têm muito tempo para ganharem medalhas.

Eu não sei como é que a Daiane se sentiu, mas se tinha uma brasileira que saiu daqui e era unanimidade de que voltaria com medalha, era a Daiane. E não conseguiu. Mas não conseguiu pela lógica saudável do esporte. Essa é



que é a coisa fantástica do esporte. Se fosse uma coisa que a gente pudesse preconizar e já saber quantos iam voltar, não teria graça. E, de repente, a gente descobre que todo o esforço que a gente fez, as horas, as segundas-feiras, as sextas-feiras, os domingos, a quantidade de coisas que a gente deixou de fazer do ponto de vista dos interesses pessoais, familiares, para se dedicar ao esporte, pensando em ganhar... e, quando a gente chega lá e descobre que tem alguém melhor do que a gente... talvez não melhor, mas melhor preparado para aquele momento do que a gente, com preparo psicológico.

Eu confesso a vocês, não para o Grael, mas para os mais novos, eu fico imaginando a primeira vez que vocês entram para competir, como é olhar para aquela arquibancada cheia de gente, a sensação, a emoção, depois ouvir o Hino Nacional, é uma coisa que vai mexendo com cada um de vocês, sabendo que as pessoas estão vendo na televisão, e que não podem errar.

É como bater pênalti em final de Copa do Mundo, parece fácil, não é René? Qualquer torcedor, num bar, tomando uma cerveja, é capaz de bater um pênalti melhor do que os que estão batendo lá. Mas, na hora em que ele coloca a bola na marca do pênalti e volta, e ele sabe que daquele chute depende o título de uma Copa do Mundo... Pegar o Baggio, na última seleção... O goleiro fica com uns 10 metros de largura; a trave, que tem sete metros, fica com meio metro. E eu fico imaginando a emoção de vocês, a tensão.

E o fato de vocês terem chegado lá, para mim, como presidente da República, como brasileiro, como torcedor, já é uma coisa extraordinária. E a gente volta com a sabedoria de que nós temos que nos preparar mais, nós temos que treinar mais, nós temos que discutir os apoios. E o Grael disse bem: é muito fácil, muito cômodo ter apoio, ter incentivo, ter patrocínio, quando você volta com a medalha de ouro no pescoço. Porque, na verdade, não é mais o atleta que vai ganhar com o patrocínio, é o patrocínio que vai ganhar com o prestígio do atleta. O que é importante é o apoio de antes; o que é importante é



garantir que vocês possam ganhar as disputas que vão fazer com o apoio no momento certo.

E vamos ser francos, Nuzman, não há muitas possibilidades de se imaginar que muitos setores vão financiar atletas para o futuro. Vamos ser francos. As pessoas querem financiar os atletas que já estão prontos, que já estão maduros, que já estão dispostos a ganhar todos os títulos e todas as medalhas. Agora, qual é o papel do Estado? Qual é o papel do governo? Qual é o papel das empresas públicas brasileiras como a Petrobrás, Correios, Caixa Econômica, Banco do Brasil e tantas outras? Se a iniciativa privada não quer, no primeiro momento, financiar o atleta para que ele possa ser um vencedor amanhã, é o Estado que tem que assumir a responsabilidade de garantir que os atletas tenham as oportunidades concretas. Neste meio, aqui, nós temos gente que pode ser de classe média, que a família pode pagar um clube que tenha uma piscina para ele aprender a nadar, que pode pagar uma outra praça qualquer, um outro clube qualquer para ele praticar o esporte.

Mas nós temos gente, também, na delegação, que briga 24 horas por dia para conseguir o que comer no dia seguinte, que nem sempre pode ter um tênis de marca. E é nisso que entra o papel do Estado, é que entra o papel do governo federal, do governo estadual, do governo municipal, dos bancos públicos, das empresas públicas.

Por isso, os anúncios que o nosso querido companheiro Agnelo fez aqui é uma coisa que eu quero olhar na cara de vocês; eu, certamente, tenho mais dois anos de governo, porque meu mandato termina em 2006. Então, nós vamos nos ver algumas vezes.

Para mim, tem várias coisas no esporte, não é apenas a medalha. A medalha é a apoteose de uma vida esportiva, mas tem outras coisas. Na formação intelectual, na formação ética, na formação moral das pessoas, no comportamento, no relacionamento com a família, tem uma série de coisas que o esporte pode ajudar uma sociedade. No caso do Brasil, sobretudo para a



periferia dos grandes centros metropolitanos, para ajudar a combater a droga, o crime organizado, o narcotráfico. Porque se o Estado não der uma oportunidade, essa meninada está no fio da navalha. E, muitas vezes, aquilo que o Estado não oferece, de coisa boa, outros oferecem, de coisas ruins.

Minha mãe dizia, quando eu era pequeno: “uma coisa boa leva tempo para a gente conquistar; uma coisa ruim acontece num segundo, na vida da gente”.

Então, eu quero dizer para vocês que o que nós estamos fazendo é menos do que vocês precisam e menos do que a gente pode fazer. Vocês precisam de mais e nós poderemos fazer mais.

Quando nós resolvemos colocar no Orçamento, Nuzman, a questão da verba para o esporte, anunciada pelo ministro Agnelo, é porque apenas na Lei de Incentivo Fiscal, nós poderemos repetir alguma coisa que já acontece em outras leis de incentivo.

Os mais famosos conseguem o incentivo e os que estão começando, não. Nós poderemos sofrer pressão do Congresso Nacional, na elaboração, do Orçamento, para que a gente possa colocar mais, quando necessário, menos, quando não necessário mas, fundamentalmente, nós temos que assumir a responsabilidade de que o Estado brasileiro precisa cuidar do esporte como uma coisa importante para o desenvolvimento da nossa gente, do nosso povo e da nossa juventude.

Eu quero terminar, Nuzman, dizendo a vocês que eu estou realizando um desejo, um sonho. Eu disse, da outra vez, que eu nunca me conformei de as autoridades brasileiras só receberem quem ganha medalha de ouro. E na Copa do Mundo também não é diferente. Quando a Seleção de Futebol perde um campeonato mundial, cada jogador desce no aeroporto escondidinho, com medo, meio cismado com a torcida e vai para a sua casa. Ninguém vai lá dar um abraço e falar: “Ô meu! Valeu a pena, valeu o sacrifício! O que valeu é que você suou a camisa”. Ninguém vai.



As pessoas só costumam parabenizar os vitoriosos, sem se lembrar que, muitas vezes, o que não ganhou a medalha fez um esforço muito maior e não ganhou porque não deu para ganhar.

Então, quero dizer do orgulho de estar com vocês, aqui. Um orgulho de ver na cara de vocês, de ver na cara da Direção, das confederações, das federações, da equipe técnica, dos atletas, a cara do meu país. Não tem nada mais bonito do que ver vocês na televisão, mostrando a cara. Quando vocês aparecem, na verdade, estão sendo quase que uma imagem retratada no espelho do povo brasileiro.

Acho que vocês fizeram uma Olimpíada fantástica. Poderia ser melhor? Poderia, mas não foi. Então, a gente nunca pode ficar chorando o leite derramado. Ninguém de vocês tem o direito de ficar, agora, lamentando o que não aconteceu de bom. Ninguém tem que ficar lamentando a bola na trave, o escorregão que deu, o passo a mais que deu. Ninguém.

Agora é o seguinte: bola para a frente. Vamos nos preparar, porque vai ter o Panamericano em 2007, e nós poderemos fazer o mais importante Panamericano já feito na América Latina. E nós temos que nos preparar para as próximas Olimpíadas. Afinal de contas, quatro anos na vida de quem tem 60 é uma eternidade, mas na vida de quem tem 20 não é nada.

Meus parabéns. Que Deus abençoe vocês. Continuem fazendo o esforço de vocês que nós faremos o nosso.

Meus parabéns, Nuzman. Parabéns, atletas.